



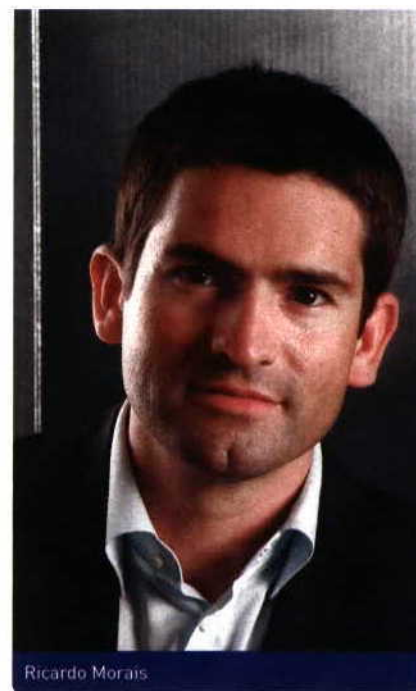
Educação para o século XXI

Desafiámos Ricardo Morais, relator do Projecto Farol, a responder à pergunta: Como fazer a ponte entre as necessidades do mercado de trabalho no século XXI e a formação que é assegurada pelo sistema de ensino em Portugal?

Texto: Ricardo Morais, Gestor e Professor na Universidade Católica do Porto

Para responder a esta questão, podemos distinguir quatro tipos de especialização ao longo da vida: o especialista numa profissão e numa organização; o especialista numa profissão em várias organizações; o especialista numa organização na qual exerce várias profissões; e o generalista que exerce várias profissões em várias organizações. A revolução agrária e a revolução industrial reforçaram a importância da especialização numa profissão e numa organização, implícita em noções como "estatuto de carreira". A recente revolução informática, contudo, veio sublinhar a importância da criatividade como capacidade para combinar conhecimento proveniente de diversas especializações.

O "generalista", que à luz da especialização numa profissão ou numa organização era um *outsider* que seguia uma "carreira em ziguezague", ressurge neste contexto como um cidadão de renovado potencial criativo e reconhecido valor económico. Pode ser um especialista num tema multidisciplinar que em torno desse tema acumula várias profissões e colabora com várias organizações em simultâneo, ou simplesmente um *networker* que mesmo sem especialidade temática tem o *savoir-faire* necessário para criar equipas multidisciplinares pouco prováveis. Num caso ou no outro, são generalistas que o mercado de trabalho reconhece pela sua capacidade para resolver problemas sistémicos, para além das fronteiras



Ricardo Morais

O que é o Projecto Farol?

É mais que uma análise ou um diagnóstico da realidade nacional. É, acima de tudo, uma visão e um guia para o desenvolvimento futuro do país até 2020 que assenta na denúncia de um pacto de convivência existente entre a cidadania e a governação, responsabilizando ambos. Fazem parte da Comissão Executiva, Daniel Proença de Carvalho (*Chairman*), António Pinho Cardão, Belmiro de Azevedo, Jorge Marrão, José Maria Brandão de Brito e Manuel Alves Monteiro. Este projecto é apoiado pela Deloitte.

www.projectofarol.com

disciplinares, profissionais, organizacionais e geográficas. São cidadãos do século XXI que o sistema de ensino em Portugal pode e deve formar, aliando competências concretas e relacionais às competências técnicas que tradicionalmente oferece. ■



Quatro visões sobre a formação que Portugal precisa

Jorge Marrão, Membro da Comissão Executiva do Projecto Farol e Sócio da Deloitte

[1] Teremos no país o conhecimento necessário para fazer face a esta crise e relançar a país?

O País relança-se com uma combinação virtuosa de competências humanas e investimento produtivo que se deverá fazer num ambiente de concorrência local e global. Nas últimas décadas, o nosso sistema de ensino, designadamente o universitário, foi capaz de demonstrar a capacidade de fornecer talento para os desafios que a sociedade colocou à universidade, desde as

formações mais técnicas às de natureza mais social e cultural.

[2] Quais as Pós-Graduações, Mestrados, Doutoramentos ou MBA's que o nosso país precisa?

Não há um plano determinístico e mágico que determine a formação necessária de um País. Os investimentos em formação avançada, numa parte significativa, devem estar constantemente a dar resposta às ambições empresariais do momento; uma outra parte que não poderá ser descurada resultará de apostas estratégicas públicas de médio e longo prazo, que devem ser objecto de consistência e persistência de investimento por parte

dos governos que se vão alternando. Não podemos enveredar nestas matérias em políticas de *stop & go*.

[3] Estarão, de facto, os nossos jovens com estas formações avançadas a saírem do país?

Com o nível de desemprego na população jovem a sua aposta no espaço comunitário – que foi concebido na perspectiva de mobilidade e abertura entre os países da UE – deve ser aproveitado e usado sem restrições. O investimento que fizeram na sua formação não deve ser desperdiçado. Por outro lado, num mundo global se queremos sair da espiral dos baixos salários, a formação e adaptação



vão ser factores decisivos para o nosso sucesso colectivo.

[4] O que fazer para reter o nosso conhecimento?

O conhecimento permanece em Portugal se houver, com investimento produtivo sustentável, concorrência que obrigue os empresários a buscar, utilizar e reter talento e com constante desafios à sua capacidade de evoluir nas suas competências.

Pedro Pita Barros, Professor na Universidade Nova de Lisboa e membro colaborador da SEDES.

[1] Sim. Existem diagnósticos, relatórios, estudos, etc..., de organismos públicos, privados, grupos de reflexão e universidades que permitem esse conhecimento.

[2] Precisamos sobretudo de acertar esses cursos avançados por padrões internacionais, por um lado, e de aumentar a sua ligação à economia propriamente dita. Por exemplo, esses programas capturem alunos estrangeiros de qualidade, e parte deles ter colocação em empresas portuguesas, ajuda a abrir as empresas nacionais ao mundo. Há também necessidade de qualificar mais os donos e gestores de pequenas e médias empresas para actuarem num espaço económico alargado, pelo menos europeu.

[3] Estão. Há um número bastante razoável de jovens a sair do país. Não é necessariamente mau que saiam se houver outros a regressar. O haver contacto com outras realidades económicas e outros países será também uma mais-valia para a economia portuguesa. O problema é o fluxo líquido (saídas - regressos) ser muito elevado.

[4] Em lugar de pensar em "reter o nosso conhecimento" proponho o objectivo



Jorge Marrão



Pedro Pita Barros



Rui Marques

de "atrair quem tem conhecimento", ou seja, focar mais no regresso de quem saiu ou mesmo atrair jovens com formação avançada de outros países. Se o conseguirmos fazer também de forma natural minimizaremos o problema de fuga dos jovens com formações avançadas.

Atrair conhecimento passará não só por salários, como por projectos e qualidade de vida que o país possa oferecer. Aceitar que haverá rotação internacional de quadros qualificados é importante para se passar do "reter" para o "atrair".

Rui Marques, Fundador e Diretor da Fórum Estudante

[1] Em termos potenciais, sim. Falta, no entanto, ativar esse conhecimento, dar-lhe um sentido pragmático e aplicá-lo no quadro de uma visão estratégica para o nosso desenvolvimento sustentável. E sem ativação, pragmatismo e enquadramento estratégico, todo o conhecimento não sai do "ponto morto".

[2] Mais importante que nova oferta formativa para além da existente, três eixos transversais deveriam estar presentes em todos os níveis de formação (não só na avançada): a educação para a globalização, a mobilização para o comércio e a centralidade da ética e dos valores. Se esta visão integrar o DNA dos nossos estudantes, teremos melhores profissionais para vencer os desafios globais.

[3] Estão, sem dúvida. E é inevitável, no quadro atual. A quebra da economia portuguesa, a destruição de emprego e a ausência de horizonte conduz a esse efeito de saída. Resta-nos a esperança que seja temporária, dure pouco e, no regresso, possa vir a ser uma mais-valia.

[4] Inspirar confiança, mobilizar vontades para reconstruir Portugal e mostrar como chegaremos ao "fim do túnel". É um desafio muito difícil, mas não impossível.



Belmiro de Azevedo, Presidente do Conselho de Administração da Sonae

[1] Neste momento, o país está numa situação crítica e o trabalho conduzido é no sentido de “apagar fogos”. Se a economia não tiver fundos, sem recurso ao Estado, o sistema financeiro vê-se quase numa situação de “missão impossível”.

[2] Precisamos sobretudo de empresários ousados (e financiamentos).

[3] Os mais lúcidos e competentes seguramente que sim. Portugal é pequeno e está em “deleveraging”. Regressarão muitos, certamente mais bem preparados. Será difícil esperar que fiquem se não tivermos emprego e projectos novos. Muitos procurarão outras geografias.

[4] O conhecimento não se retém. Renova-se. ■



Belmiro de Azevedo



Formação
Conheça a formação
que o nosso país precisa